

A sedução pelo prazer de tocar e dançar

No próximo sábado, com seu jazz de altíssima vibração, o grupo Irakere vai brilhar no Flaac

Antonio Beluco Marra

Colaborador

S e o Flaac procurava algum conjunto musical que pudesse ter significado para a integração latino-americana, acertou em cheio: além de ser um grupo muito importante do ponto de vista musical, o cubano Irakere foi criado há mais de 17 anos, com um número expressivo de discos gravados em Cuba, no Japão e nos Estados Unidos e só agora temos a chance de conhecê-lo sem que um só disco do conjunto fosse lançado no Brasil em todos esses anos. Não é essa a imagem mais expressiva, e, sobretudo, a mais lamentável, do desconhecimento de nossos próprios vizinhos?

Numa entrevista a "Down Beat" em janeiro de 1984, Tito Puente dizia: "Há agora uma nova banda de Cuba chamada Irakere e ela toca muito moderno. Algumas vezes soa como Weather Report, outras como uma banda de jazz. Todos são músicos cubanos que conhecem suas raízes. Mas eu não poderia chamar o que eles tocam de música típica cubana".

Reparam nesse texto, no que ele contém de perplexidade, de hesitação, de imprecisão: um músico como Tito Puente, maestro, compositor, arranjador, grande timbaleiro, especialista dos ritmos latinos — e mesmo considerado pela revista "o rei da salsa", tem dificuldade para definir a música de Irakere. Essa dificuldade é certamente um bom sinal, indica uma novidade, mostra uma ruptura, uma transgressão da linguagem tradicional, do que é facilmente nomeável: uma banda que soa moderno, às vezes como fusão, outras vezes como jazz; que parece típica mas não é, enfim, não pode ser reconhecida no terreno das designações comuns ao mundo da música tradicional.

Na verdade, Irakere retoma o fio de uma revolução na música popular cubana que começa já nos anos 30 e que ficou conhecida como a "cubanização das orquestras de jazz". Cuba tem jazz desde os anos 20 (o primeiro conjunto, ainda nos moldes norte-americanos é de 1926) e a linguagem jazística sempre fez parte da bagagem da grande maioria dos músicos do país. No final dos anos 30, Cuba já possui conjuntos musicais que tocam jazz, formados inteiramente por cubanos. E por esse tempo, aparece uma importante geração de jazzistas cubanos que passa a manter um intercâmbio frequente com músicos dos Estados Unidos e de outros países. Raízes negras comuns, claro, mas sobretudo, uma imensa riqueza, por parte dos cubanos, de ritmos e de instrumentos de percussão que despertam o interesse fora do país e impulsiona, internamente, desde os primeiros tempos, o florescimento de uma cultura musical própria, original e encantadoramente sedutora — ligada ao prazer de tocar, de dançar e também, de rezar; os ritmos cubanos estão estreitamente conectados com a rica cultura religiosa de origem yoruba.

No final dos anos 30, já existe no país uma dezena de boas orquestras e elas começam a soar diferentemente das bandas de jazz. O jazz está lá, mas há harmonias novas e a melodia e o ritmo deixam perceber que um novo som está nascendo em Cuba. A nova floração de músicos cubanos logo estará amadurecida para marcar, de modo permanente, tudo o que será feito nos grandes centros musicais do mundo industrializado. E o novo som que eles começam a produzir será conhecido como **latin-music**, ou **afro-cuban music**, ou simplesmente como a grande música cubana.

Não existem disponíveis atualmente no Brasil muitos discos dessa época. Com sorte, nos sebos, podemos encontrar alguma coisa desses músicos excepcionais, via indústria fonográfica norte-americana. De Chanio Pozzo, o primeiro grande nome conhecido e que entrou na orquestra de Gillespie em 1947 como baterista, não há nada. Mas ou-



tro percussionistas de talento podem ser ouvidos: Cândido está em "Summit Meeting at Birdland", de Charlie Parker (CBS, 1977); Sabu Martinez em "Dizzi Gillespie, o debochado gênio do trompete" (Abril Cultural, 1980) e em "J.J. Johnson, The Eminent" (Blue Note, Col. Jazz Classics Twins, 1977); Machito e sua banda estão em "Dizzy Gillespie y Machito - Afro - Cuban jazz moods" (Pablo, 1979) disco que tem ainda outras duas estrelas da música cubana, Mário Baúza e Chico O'Farrill. Mongo Santamaría toca com Dizzy em "Mongo and Dizzy ao vivo" (Pablo, 1980). Finalmente, há Dizzy Gillespie em "One Night in Washington", com "Afro Suite" (originalmente "Manteca Suite") composta com Chico O'Farrill e há também "Tin Tin Deo", de Chanio Pozzo (Electra Musicar 1983).

Nos anos 50, prossegue a colaboração com os músicos norte-americanos: Cuba é o centro de um intercâmbio que contribui para divulgar cada vez mais influente a música cubana. Mas os anos 50, depois da revolução, há um fecha-

mento de fronteiras: Cuba sofre um injustificado bloqueio por parte dos Estados Unidos e até mesmo uma invasão na Baía dos Porcos, que todo o mundo civilizado condenou. Os músicos cubanos deverão esperar até os anos 70 para experimentar um novo reconhecimento mundial pelo que estavam produzindo. E a ocasião veio com o importante acontecimento em 1979 que foi "Havana Jam", com uma nova invasão norte-americana, desta vez pelos músicos da importante gravadora CBS. Grandes músicos norte-americanos contemporâneos, um país intensamente musical. E a vanguarda dessa música se chama Irakere.

O Irakere foi fundado em 1973 por alguns músicos que pertenciam a uma banda criada em 1969 por um importante músico cubano desconhecido fora das fronteiras de seu país, Armando Romeu, um saxofonista em atividade desde os anos 30. Na banda de Romeu estavam o guitarrista Carlos Emílio Morales, o saxofonista — prodígio Paquito de Rivera, o trompetista Jorge

Varona, o percussionista Oscar Valdés e um músico completo, compositor, arranjador e excelente pianista, Jesus "Chucho" Valdez. Eles formaram o núcleo inicial de Irakere, a que serão acrescentados dois outros músicos importantes, o trompetista Arturo Sandoval, hoje mundialmente conhecido, e o bateirista Plá. O conjunto já tinha aparecido com sucesso em festivais nos países do Leste mas foi o seu primeiro disco para a CBS que provocou um impacto duradouro nos principais centros musicais e de divulgação, do mundo. Gravado ao vivo no Festival de Newport e no Festival de Montreux, na Suíça, em Nova Iorque, Irakere é ainda o disco mais inspirado da banda comandada por Chucho Valdés, um pianista com influências de Art Tatum e Bill Evans, mas com um estilo muito pessoal e inspirado, que inclui a utilização de sintetizadores. A obra principal do disco é sua composição "A Missa Negra", uma empolgante incursão nos ritmos cubanos e nas novas harmonias que estão sendo elaboradas há muito tempo na Ilha. Não há nada semelhante na música que até então conhecíamos como "cuban-music" ou "música latina". O conjunto mergulha fundo nas raízes negras cubanas e toca ainda um Adágio (do concerto para clarineta de Mozart) que pode, paradoxalmente, ser a síntese da música do Irakere: absorção das influências do jazz, da música cubana e da música clássica europeia, incluindo, evidentemente, um grande virtuosismo dos músicos — todos eles dominam como mestres seus instrumentos.

A grande maioria das gravações de Irakere foi feita para a Egren, a

